

PALAVRAS-TABU E EFEITOS DE GÊNERO NA LEITURA

*Bruno Felipe Marques Pinheiro
Luara Carvalho Fontes Menezes
Raquel Meister Ko. Freitag*

1. INTRODUÇÃO

Desde os primeiros estudos na psicologia, a linguagem, os mitos e os costumes são vistos como manifestações da alma e nos oferecem material para ser analisado e compreendido na regularidade psicológica entre o pensamento individual e as relações sociais. Por sua vez, a língua, do ponto de vista cognitivo, apreende as experiências cotidianas dos falantes e as organiza no processamento mental; a língua, a todo momento, é negociada entre falantes/ouvintes nos contextos de uso.

Essas representações, tanto individuais como mentais, decorrem dos modelos comportamentais e cognitivos: “as representações constituem-se em uma verdadeira preparação para a ação, não apenas porque guiam o comportamento, mas porque constroem e remodelam o ambiente” (Camino & Torres, 2011, p. 87). Em consequência da construção e reconstrução dos modelos cognitivos, as representações mentais de “ser homem” e “ser mulher” são compreendidas a partir dos modelos preestabelecidos *a priori* dos padrões de comportamentos do feminino e do masculino que se espera de uma sociedade ocidental, patriarcal e judaico-cristã associados ao processo de construção dos estereótipos norteados

pelas práticas sociais envolvidas nas relações entre a identificação feminina e a identificação masculina nos grupos sociais (Welzer-Lang, 2001).

Conseqüentemente, os falantes, ao construírem as representações mentais de gênero para homem e para mulher, baseados nos modelos de comportamento esperados de “ser homem” e de “ser mulher” na dinâmica social ocidental/judaico-cristã, associam suas práticas a modelos preestabelecidos *a priori*, dentre os quais a produção do efeito de sentido da sexualidade é preestabelecida enquanto prática-tabu. O tabu sexual é arraigado à associação entre sexualidade e prática-proibida na cultura ocidental judaico-cristã, em cuja associação há uma interferência na prática do sexo e na produção de sentido do proibido. Por sua vez, a sexualidade é uma prática para examinar, vigiar, confessar e transformar-se em proibido. Isto é, pode-se falar sobre sexualidade, mas para proibi-la (Foucault, 1998).

Por essa ótica, a representação mental do conceito de sexualidade é compreendida enquanto proibido; e, por sua vez, o material linguístico associado a tal representação também será compreendido enquanto proibido. Assim, o tabu linguístico é construído a partir do que pode ou não pode falar, moldado pela representação mental da sexualidade (Orsi, 2011; Coutinho & Menandro, 2015; Domingues, Gomes & Oliveira, 2016). O tabu pode ser traduzido por “sagrado-proibido” ou “proibido-sagrado”, no campo do próprio e do impróprio: “O primeiro refere-se à proibição de dizer certo nome ou certa palavra, caracterizando-se por seu aspecto mágico religioso. Por sua vez, o segundo tipo refere-se à proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira” (Guérios, 1979, p. 5).

A permissão ou interdição de pronunciar palavras-tabu está relacionada à construção dos papéis dos falantes na sociedade: homens e mulheres “de respeito” não pronunciam palavrões, ao passo que prostitutas e garotas de programas pronunciam palavrões. O próprio exercício da sexualidade tem viés de gênero: o sexo para o homem é visto enquanto natureza ontológica e faz parte da sua natureza, diferente da mulher que é visto enquanto ato passivo e vinculado à afetividade, pois se precisa de um homem para realizar o ato sexual (Leonini, 2004).

Essas representações são reverberadas no momento da fala de homens e mulheres, que, ao desempenharem na língua os papéis de gênero, associam suas performances às representações mentais de gêneros. Na sociedade, existem comportamentos de homem e de mulher, e esses comportamentos perpassam para a linguagem, como por exemplo, na cooperação e na competição em interações (Freitag & Santana, 2019), ou uso de palavrões (Orsi, 2011, 2013).

Por causa das performances de gênero associadas aos papéis de “ser homem” e “ser mulher”, é comum a narrativa dos adultos quando as crianças pronunciam “palavras feias” (palavrões sexuais). Eles, geralmente, verbalizam a seguinte frase: “Menino(a), limpa essa boca!”. Não há como desmistificar certas palavras e certos temas sociais, como o sexo, se eles são, desde sempre, remetidos a ações sujas e pecaminosas. O efeito dessa persistência perpassa situações de maior ou menor envolvimento, como, por exemplo, a situação de leitura.

A leitura é uma atividade altamente complexa por demandar questões de memória e aspectos perceptivos. Quanto mais rápida a identificação das palavras, mais recursos terá a memória de trabalho para realizar operações (Komeno, Ávila, Cintra, & Schoen, 2015). À medida que os indivíduos identificam mais rápido as palavras-tabu, mais rápido a memória de trabalho ativa os estereótipos e representações mentais. Neste texto, apresentamos um estudo que considera os efeitos de palavras-tabu e de gênero na situação de leitura.

2. PALAVRAS-TABU

No senso comum, o significado de tabu geralmente é atribuição pela proibição ou o controle de determinado ente (objeto, situação ou comportamento) em relação à determinada lei ou cultura. No dicionário, o primeiro significado para tabu refere-se à instituição religiosa que atribui a uma pessoa ou objeto o caráter de sagrado, interdizendo qualquer contato entre eles (Michaelis, 1998; Aurélio, 2002). No entanto, o escopo do tabu vai além: pode ser manifestado pelo caráter sagrado (ou impuro), ou espécie de proibição em função do caráter, ou valor de santidade (ou impureza), ou na violação da proibição de determinada lei. Os tabus podem ser naturais ou diretos (sociedades baseadas em rituais mágicos), comunicados ou indiretos (força social do estado, igreja, exército), impostos (força imperativa de sacerdotes ou chefes de povos para aplicação de leis próprias) e intermediários (apropriação da mulher pelo marido). O tabu, então, remete à ideia de perigo, proibição e convenção. A violação, sem dúvida, é motivo de punição e castigo. Ao transgredi-lo, quem o transgride torna-se o próprio tabu, é como se a carga “perigosa/proibida” fosse transferida para quem transgrediu (Freud, 1913/2013; Lévi-Strauss, 1962/1970).

A característica de tornar-se o próprio tabu permeia, também, a fala, no momento em que a verbalização de palavras-proibidas ocorre no meio social. O tabu linguístico está relacionado à reprovação e à impropriedade da realização de palavras faladas ou escritas. Em determinados lugares, há uma interdição menor, em outros, há interdição maior. A maioria das pessoas não se sente

confortável em falar determinadas palavras que são consideradas xingamentos. As forças sociais são invisíveis, mas poderosas o suficiente para determinar sanções e desaprovações nos usos de palavras proibidas.

Palavras-tabu são aquelas não aceitas em todos os contextos (palavrões, por exemplo) e que precisam da relação de proximidade e intimidade para serem pronunciadas em determinados contextos. Também demarcam fator de libertação porque os falantes expressam seus desejos, julgamentos e ações reprimidas pelas regras sociais. Na sociolinguística, o estudo entre variação do léxico tabu, da sexualidade e da prática do sexo indica usos linguísticos relacionados à variação de palavras referentes às genitálias, ânus, testículos e seios enquanto itens lexicais erótico-obsenos ou palavras tabus associadas às práticas sexuais (Orsi, 2011, 2013). Na literatura, o tabu torna-se matéria de poesia a partir do momento que a psicanálise (por meio dos estudos de Sigmund Freud) rompe o tabu sexual como matéria não estudada se torna matéria legítima para estudo (Moravia, Morante, & Calvino, 1961).

Na literatura erótica, o tabu é construído por meio do erotismo e do processo de liberação das proibições e dos tabus preexistentes. Os recursos gramaticais são mobilizados para transformar a matéria “sexo” em tema cientificamente reconhecido e poeticamente válido. Por exemplo, na literatura, Antônio Carlos Viana, contista sergipano, traz reflexões sobre a esfera social na perspectiva do erotismo. Na maior parte dos seus contos, as situações de violência são colocadas na narrativa para evidenciar os mais variados tabus existentes na sociedade. O erotismo de Viana é instaurado em ambientes degradados, mas, ao mesmo tempo, oferece sensações de prazer. A relação entre “sagrado” e “proibido” se faz presente nas suas narrativas a partir dos processos de intuição e flexibilidade literárias. Nas histórias, o tratamento do tabu sexual é instaurado em diversos contextos sociais e suas narrativas criam tensões entre moral e ética nos personagens (Lima, 2015). Uma das maneiras de expressar esses tabus é remetendo a um léxico obsceno ao manifestar sentimentos, palavras ou até mesmo nomeações de órgãos sexuais com algum tipo de proibição imposto pela cultura vigente. A palavra “proibida” ultrapassa os limites da boa decência e moralidade e o tabu linguístico nasce das “sanções, restrições e escrúpulos sociais, atuando na não permissão ou na interdição de se pronunciar ou dizer certos itens lexicais aos quais se atribui algum poder” (Orsi, 2011, p. 336).

Por exemplo, para se referir ao órgão sexual masculino (pênis) é extensa a lista de itens lexicais: “linguiça”, “piu-piu”, “passarinho”, “pau”, “pinto”,

“caralho”, “pauzão”, “cabeção”, “pintão”, entre outros, assim como para o órgão sexual feminino (vagina): “flor”, “margarida”, “xana”, “florzinha”, “xoxota”, “xoxotinha”, entre outros. Os processos por detrás dessas nomeações são de transferência (metáfora conceitual) e contiguidade (metonímia visual) que indicam a superioridade masculina em detrimento da submissão feminina. Geralmente, a variação do órgão masculino nas palavras é processo metafórico, indica uma relação de expansão semântica e similaridade de poder com utilização de aumentativos, ao passo que a variação do órgão feminino nas palavras é processo metonímico, indica relação da parte pelo todo e similaridade de submissão com utilização de diminutivos. (Orsi, 2011, 2013; Orsi & Zavaglia, 2012).

Há várias formas de expressão de palavras consideradas tabus. Em atlas linguísticos de estados do Nordeste da década de 1970, as nomeações de expressões relacionadas ao termo “menstruação” revelam usos linguísticos aproximados em diferentes estados. Em Sergipe, são recorrentes expressões como: “estar movida”, “estar ofendida”, “estar de férias”, “meus tempos”; na Bahia: “flor vermelha”, “matou o pinto”, “pote quebrado”, “quebrou o pote”; e, na Paraíba: “tá de bode”, “tá de vaca”, “tá choca”. As expressões relacionadas à menstruação são construções com verbo “estar” + qualificação pejorativa, indicando o sentido de desvalorização para figura feminina (Almeida, 2011).

As palavras-tabu também sofrem efeito fator emocional, que pode ser evidenciado na tarefa de leitura em voz alta.

A leitura é uma atividade complexa composta por múltiplos processos interdependentes que, além do processamento linguístico de decodificação e compreensão, mobiliza a percepção, emoção, inteligência e memória (Curso & Salles, 2009). Para a compreensão, é preciso que a decodificação seja automatizada. Ou seja, o leitor precisa decodificar as palavras com precisão, ter a capacidade de ler expressões e frases apropriadas e realizar a interpretação durante o momento da leitura (Rasinski, 2004; Hasbrouck & Tindal, 2006). As pistas indiretas do processo de compreensão na leitura em voz alta são os reparos, pausas, hesitações e alongamentos, comumente chamados de disfluências (Machado & Freitag, 2019; Freitag, 2020).

O processo automatizado da leitura e o controle consciente de atenção seletiva pode ser afetado por palavras-tabu. Um estudo de tarefas de competição entre o processo automatizado da leitura e os processos sob o controle consciente de atenção seletiva, utilizando seis listas com três categorias diferentes de palavras-tabus (sexual, escatológicas e religiosas) e três de palavras neutras com quatro cores diferentes de cartões com ordem aleatória, aponta que não

existe diferença significativa no tempo de reação entre homens e mulheres em nenhuma categoria: a leitura de palavras-tabu em listas por homens e mulheres é igual (Amaral, Corbellini, Oliveira, Schaffer, & Oliveira Júnior, 2006).

Entretanto, ao realizar uma análise intragrupal, os homens demandam mais tempo na leitura das listas das três categorias de palavras-tabu do que nas listas neutras, enquanto as mulheres demandam mais tempo de leitura apenas nas palavras-tabu de cunho sexual. Os resultados sugerem que palavras-tabu sexuais são retidas na memória por terem maior capacidade de influenciar mecanismo de atenção automática e, ao mesmo tempo, sinalizam uma diferença de comportamento grupal relacionada ao gênero. (Amaral et al., 2006).

3. GÊNERO, TABU E PROCESSAMENTO DA LINGUAGEM

O comportamento, principalmente, na discussão da sociedade contemporânea sobre questões de gênero, promove o repensar das categorias sexo/gênero do ponto de vista de uma naturalização dos sexos e hierarquias sexuais. Hoje, a discussão sobre as categorias sexo/gênero são pensadas a partir do conceito de transversalidade, ou seja, tais categorias precisam ser “problematizadas” a partir da ideia de um sujeito uno (Butler, 1990): “assim como a idade, sexo é uma categoria biológica que baliza normas, papéis sociais e expectativas em todas as sociedades. E, por conta do traço social, é mais apropriado falar em gênero” (Freitag, 2015, p. 31-32).

Mesmo havendo, por um lado, a discussão sobre “identidade de gênero” compreendida como fenômeno dinâmico entre semelhanças e diferenças resultantes de um conjunto de características sociais e pessoais na quais os indivíduos se constituem enquanto “performance social” (Deschamps & Moliner, 2009), e, por outro lado, a representação mental de “ser homem” e “ser mulher” instaurando normas e papéis sociais na sociedade, a construção de estereótipos de gênero normativos de “masculino” e “feminino” é um processo contínuo de reconstrução, mas que fica engessado de tão normatizados e estabelecidos estes papéis estão na sociedade (Coutinho & Menandro, 2015; Domingues, Gomes, & Oliveira, 2016).

Na sociolinguística, os estudos acerca da linguagem e gênero social começaram a ser realizados antes mesmo da década de 1970 para verificar quais papéis de gênero e quais performances homens e mulheres realizavam em seus grupos sociais (Crawford, 1995; Lakoff, 1973; Bergvall, 1999). Esses estudos

foram influenciados pelas três ondas do feminismo¹ instauradas no início do século passado e partiam de três explicações para as diferenças linguísticas entre homens e mulheres: déficit, dominância e diferença. A primeira sustenta a tese de que o estilo conversacional das mulheres seria inferior ao dos homens. Já a segunda defende que existe um status “inferior” em relação às mulheres devido à dominância social dos homens. E a terceira refere-se ao que se chama de “modelo das duas culturas”, na qual existem duas subculturas em que se pauta na ideia de que mulheres e homens se diferenciam na questão da sociabilidade devido aos seus estilos conversacionais.

Os aspectos de fala são pautados de maneira mais ampla e permeiam a discussão de diferenças entre a fala feminina e a fala masculina. A perspectiva do déficit defendia diferenças na fala feminina (os traços considerados da fala da mulher apresentavam de forma geral uma ideia de fraqueza, vocabulário específico – as mulheres falavam coisas de mulheres – no modo como falavam, adjetivos vazios, cuidado com a correção na linguagem) e na fala masculina (não havia polidez na maneira de falar, não davam ênfase em determinadas palavras, não produziam uma entonação interrogativa), o que contribuía para a existência de uma espécie de *sexoleta* da fala feminina (Lakoff, 1973). A perspectiva da dominância pautava-se que as diferenças da fala entre homens e mulheres emergiam na medida em que existia uma dominância masculina em contraposição a uma subordinação feminina, ou seja, homens são mais competitivos do que as mulheres (Coulthard, 1991). Na perspectiva da diferença, buscava-se estabelecer traços linguísticos da fala feminina em relação à desigualdade social.

No momento em que a sociedade molda as compreensões dos papéis de gênero, os meninos tornam-se homens e as meninas tornam-se mulheres, pautados em normas e regras que são apreendidas de acordo com a instituição social (Estado). A sociedade espera padrões de comportamentos de “ser masculino” e “ser feminino” por parte dos indivíduos para que meninos e meninas em potencial sejam influenciados por modelos preestabelecidos de gênero na sociedade (Welzer-Lang, 2001).

¹ A primeira onda diz respeito à reivindicação pelo voto feminino por parte das mulheres; já a segunda é a fase mais radical que marca a luta pelos direitos reprodutivos e as discussões acerca da sexualidade; e a terceira é marcada pelo surgimento dos movimentos punks femininos, principalmente envolvendo os conceitos de interseccionalidade e pós-modernidade. A quarta onda dos estudos feministas, relativamente recente, questiona como é possível, depois de tantos avanços, que o preconceito e a discriminação ainda perpetuem na sociedade.

Com a desconstrução da divisão de sexo/gênero e a discussão de sexo ser ato natural e identidade de gênero ser ato socialmente performativo, inicia-se uma luta do que se considera “ser homem” e “ser mulher” na sociedade ocidental/cristã, contribuindo para a inauguração da tensão entre os tabus sexuais. A estrutura binária de gênero é derrubada e se traça um caminho de crítica à divisão binária e à retirada da noção de gênero enquanto ligação estritamente intrínseca ao sexo é rompida. “A presunção aqui é que o ‘ser’ gênero é um efeito” (Butler, 1990, p. 58). Consequentemente, aceitar o gênero como um efeito é considerar a ideia de que a identidade ou a essência são expressões dos indivíduos.

Entretanto, o tabu sexual continua pautado nas narrativas de “ser homem de verdade”/“ser mulher de verdade” e amparado nos estereótipos clássicos de gênero. O “homem de verdade” deve ser constituído por tudo aquilo que se distancia do feminino e não pode transparecer nenhuma característica afetiva e/ou emocional, além de denotar virilidade. Já a “mulher de verdade”, mesmo conquistando espaço no mercado de trabalho e o direito ao voto, é construída pautada na desigualdade de gênero, contribuindo para o discurso de que “ser mulher de verdade” precisa associar todas as suas conquistas profissionais aliadas ao legado da maternidade (a mulher precisa ser mãe) e do casamento (a mulher precisa se casar).

O tabu sexual é compreendido pela dicotomia de situações: o tabu sexual para o homem é visto enquanto “sagrado” e “consagrado” (é a permissão dos desejos e sexo) e o tabu sexual para a mulher é visto enquanto “proibido” e “impuro” (é a interdição dos desejos e sexo). Nesta perspectiva, a “performance linguística” dos falantes frente às tensões entre sexo/gênero e tabus sexuais reverbera na alternância de estilos indexados aos significados sociais envolvidos nas expressões de identidades sociais projetadas em símbolos dos usos linguísticos (Podesva, Robert, & Campbell-Kibler, 2002; Podesva, 2007; Levon & Mendes, 2016). E essa alternância pode ser observada na leitura em voz alta.

4. MÉTODO

Desenvolvemos um estudo que considera o efeito das palavras-tabu na leitura, evidenciada pela quebra na compreensão, medida pelo tempo de leitura e pela presença de metadiscurso e disfluências (pausa, hesitação ou alongamento em torno das palavras-alvo da leitura), e ao mesmo tempo, o efeito do gênero: considerando as evidências de que são mulheres mais sensíveis a palavras-tabu de natureza sexual na leitura do que homens.

4.1 Instrumento

O estudo foi realizado a partir da construção de uma situação de teste de fluência de leitura. Foram selecionados dois excertos textuais do contista sergipano Antonio Carlos Viana, cada um com 120 palavras, retirados do conto “As namoradas têm fome” do livro *Aberto está o inferno* (Viana, 2004). A seleção do excerto considerou critérios adotados em testes de fluência de leituras (além do número de palavras, o barramento de palavras estrangeiras ou pouco frequentes, siglas e numerais).

Quadro 1- Excerto do conto “As namoradas têm fome” (sem palavras-tabu).

Texto I

Não importava a hora, eu podia estar no maior sono que Cida me acordava: “Carlos, vamos comer?”. Eu todo sonolento, depois de um dia entre projetos pra fazer e consertar, dizia: “Pô, Cida, mais de meia-noite, não tem mais nenhum restaurante aberto...”. Mas Cida não se conformava: “Tem, sim, tem sempre um restaurante aberto pra quem tem fome”. O problema era que eu não tinha fome. Tinha era muito sono atrasado. Ela precisava me irritar. Pra me comprar, quando me chamava já estava arrumada, a saia jeans mostrando um belo par de coxas bronzeadas. Eu punha a calça, uma camisa de manga comprida, lavava o rosto, bochechava um pouco de Listerine e saíamos. Ela sabia o que estava fazendo.

Fonte: Viana, 2004, p.59.

Quadro 2- Excerto do conto “As namoradas têm fome” (com palavras-tabu).

Texto II

Era bom estar com muita raiva. Empurrava Wagner no CD player pra não esmorecer. Li não sei onde que os carrascos alemães faziam das suas e depois se deliciavam com música clássica. Mais adiante procurava um local seguro e **fodia** Cida, bêbada de sono. Era tudo muito doido, tudo muito rápido. Toda inerte, me entregava o corpo gelado. Eu **socava** com tanta força que não sei como ela aguentava. Não podia reagir, era como se estivesse morta... “Não é isso que você quer sua **puta**?” Despejava sobre ela os piores palavrões, que me deixavam ainda mais **excitado**. Eu só conseguia assim, a raiva me dava gana pra **foder** forte. Dizia até que amava. Parecia que o **gozo** vinha em dobro.

Fonte: Viana, 2004, p.62.

O texto I é considerado texto-controle (quadro 1), por não apresentar palavras-tabus, enquanto o texto II é considerado texto-alvo, com palavras-tabu de cunho sexual: “fodia”, “socava”, “puta”, “excitado”, “foder” e “gozo”. O instrumento de leitura não apresentava nenhum destaque nestas palavras.

4.2 Participantes

Participaram voluntariamente desta pesquisa 20 estudantes da Universidade Federal de Sergipe, de diferentes cursos, que se autoidentificaram quanto à identificação binária/social (dez homens e dez mulheres). O recrutamento aconteceu em áreas de convivência comum da instituição, nos intervalos entre aulas. Todos participantes foram informados sobre os propósitos da pesquisa e consentiram com a realização.

O grupo foi dividido quanto ao gênero do entrevistador: dez participantes (cinco homens e cinco mulheres) foram conduzidos durante a coleta por um entrevistador homem e dez participantes (cinco homens e cinco mulheres) por uma entrevistadora mulher. A divisão por gênero dos participantes e dos entrevistadores considera a hipótese de que há interferência do gênero na leitura de palavras-tabu de natureza sexual, o que pode ser verificado na demanda de tempo para a realização da tarefa. O efeito do gênero pode ser tanto interno (do próprio participante), como externo (o entrevistador), ou a interação entre ambos.

4.3 Procedimentos de coleta

O procedimento de coleta foi realizado nas dependências do Laboratório Multiusuário de Informática e Documentação Linguística (LAMID), onde os participantes realizaram a leitura em voz alta de cada um dos textos, em ambiente reservado, apenas com a presença do entrevistador(a), conforme arranjo de sexo/gênero. Após o acolhimento, o entrevistador(a) solicitava ao participante que lesse o texto-controle (sem palavras-tabus); em seguida, o entrevistador(a) solicitava que o mesmo participante lesse o texto-alvo (com palavras tabus). O tempo de leitura de cada texto foi medido, descontando-se as disfluências e metacomentários.

4.4 Procedimentos de análise

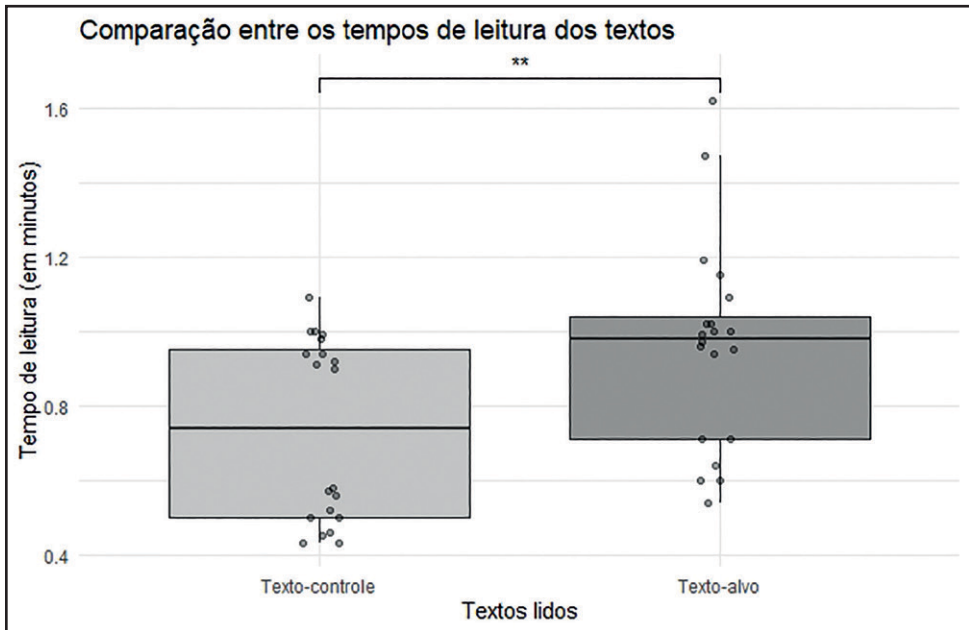
Os dados foram organizados quanto ao tempo de leitura demandado pelos participantes no texto-alvo e no texto-controle, sexo/gênero dos participantes e pelo sexo/gênero do entrevistador e submetidos a tratamento estatístico com teste *t* de medidas repetidas. A visualização gráfica dos resultados foi desenvolvida com o pacote *ggplot2* para a plataforma R (R core team, 2020).

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O tempo médio de leitura para o texto-alvo foi de 1.08min (SD = 0.28), enquanto o texto-controle teve tempo médio de 0.74min (SD = 0.27), e esta

diferença é estatisticamente significativa $t(19) = 4.43, p < 0.001$ (Figura 1), corroborando a hipótese de que textos com palavras-tabu de cunho sexual demandam maior tempo de leitura do que textos sem estas palavras, o que ressalta o efeito do custo de processamento do proibido e a força das convenções sociais.

Figura 1- Diagrama de caixas do efeito de tempo de leitura na comparação entre o texto-controle (sem palavras-tabu) e o texto-alvo (com palavras-tabu).



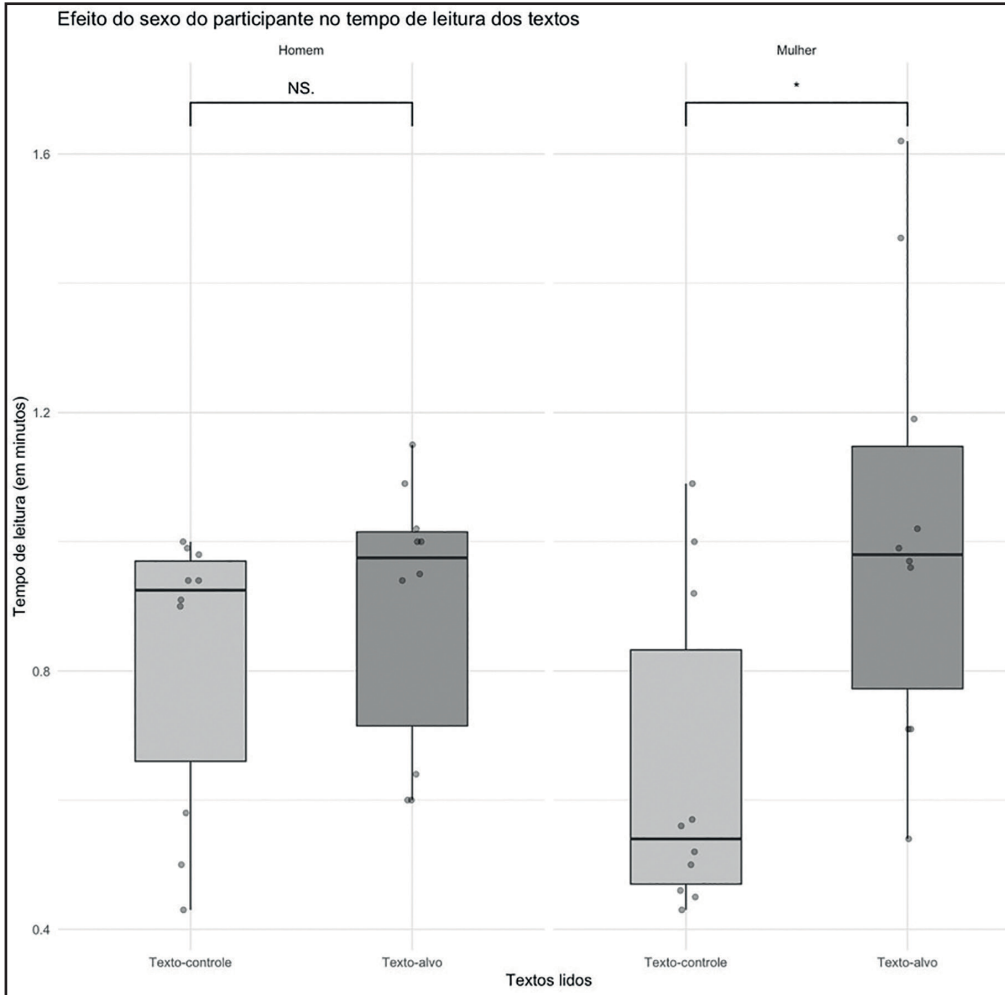
Fonte: Elaborada pelos Organizadores.

A leitura de palavras-tabu pode indicar processos mentais que envolvem o controle consciente da atenção seletiva para palavras nas quais envolvem processos considerados tabus sexuais a partir das regras sociais, contribuindo para que tabus de cunho sexual sejam construídos decorrentes dos tabus sociais. Consequentemente, as palavras-tabu são retidas na memória das pessoas, influenciando na capacidade de captar mecanismos da atenção automática das palavras-tabus (Amaral et al. 2006; Orsi, 2011).

A análise intragrupo considerando o sexo do participante (Figura 2) aponta que, entre os homens, as diferenças das médias nos tempos de leitura do texto-alvo (1.08min) e do texto-controle (0.83min) não é estatisticamente significativa $t(9) = 3.00, p = 0.056$, mas, entre as mulheres, a diferença das médias entre os tempos de leitura (0.44min) é estatisticamente significativa $t(9) = 3.45, p < 0.01$: as mulheres demandam mais tempo de leitura no texto-alvo do que no texto

controle, corroborando para o efeito social das palavras-tabu e o viés de gênero, tal como já apontado por Amaral et al. (2006).

Figura 2- Diagrama de caixas do efeito do sexo do participante no tempo de leitura entre o texto-controle (sem palavras-tabu) e o texto-alvo (com palavras-tabu).



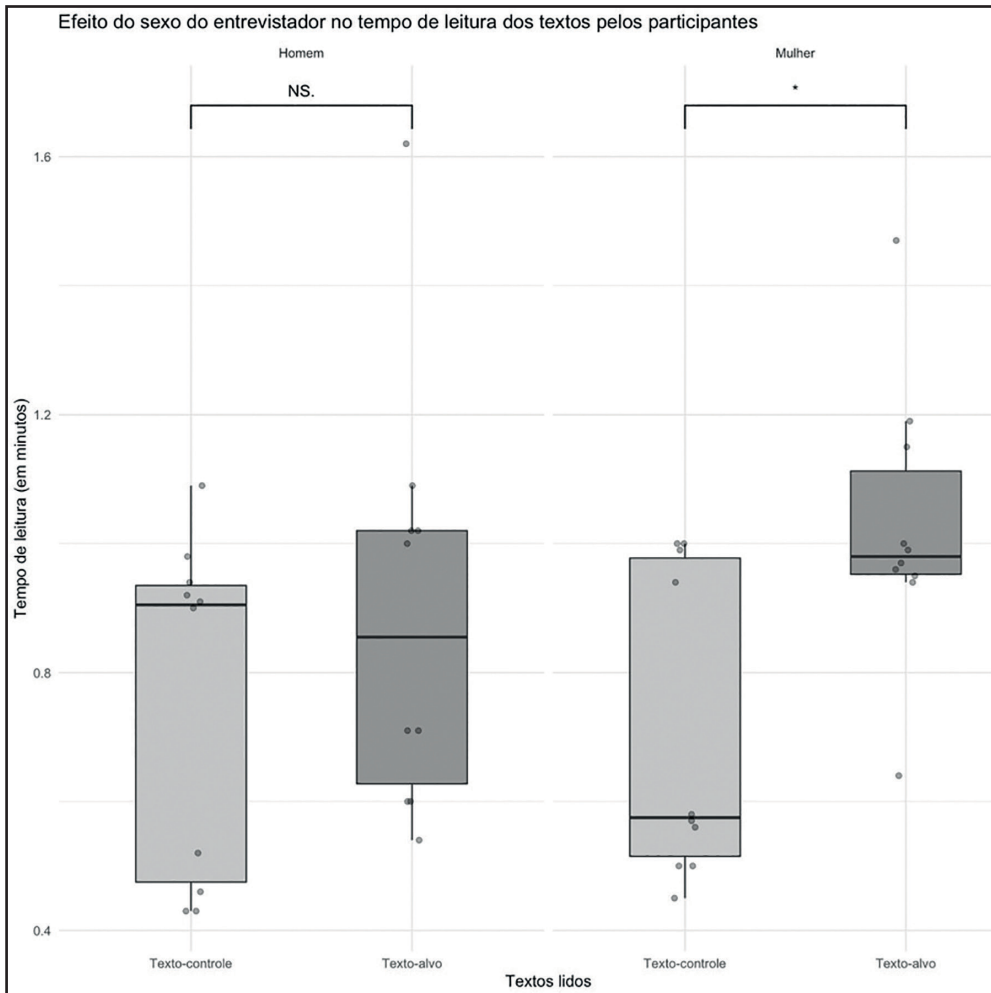
Fonte: Elaborada pelos Organizadores.

A diferença do tempo de leitura dos textos indica a relação com o padrão de comportamento esperado das mulheres no que concerne aos conteúdos sexuais: espera-se que o papel e a função sexual da mulher no ato sexual sejam reprimidos em favor dos bons costumes e da moral, reverberando inclusive nas relações sociais entre os indivíduos em uma situação de interação social desconhecida. O tabu sexual é compreendido a partir da relação dicotômica

entre “aceito/permitido” para o homem, enquanto “proibido/interditado” para a mulher (Welzer-Lang, 2001).

O efeito do sexo do entrevistador (Figura 3) na média do tempo de leitura entre texto-alvo (1.11min) e texto-controle (0.72min) é estatisticamente significativo na presença de uma entrevistadora mulher, $t(9) = 5.15, p < 0.001$, o mesmo não ocorre na presença de um entrevistador homem (diferença entre as médias de 0.29min) $< t(9) = 2.13, p = 0.062$.

Figura 3- Diagrama de caixas do efeito do sexo do participante no tempo de leitura entre o texto-controle (sem palavras-tabu) e o texto-alvo (com palavras-tabu).



Fonte: Elaborada pelos Organizadores.

Uma explicação para as mulheres demandarem mais tempo de leitura com palavras-tabu sexuais na frente do entrevistador homem é por conta do contexto histórico de subordinação do comportamento feminino em relação ao comportamento masculino (Domingues et al., 2016). A representação mental construída para a mulher é de que a realização de palavras sexuais deve ser proibida. As mulheres devem ter um vocabulário específico (e neste vocabulário palavras sexuais são proibidas) e ter um cuidado com as palavras (Lakoff, 1973).

A análise de variância com dois fatores (ANOVA) não é significativa nem para a interação entre sexo do participante e tipo de texto lido ($f(1, 36) = 3.05$, $p = 0.089$), nem para a interação entre sexo do entrevistador e tipo de texto lido ($f(1, 36) = 1.21$, $p = 0.279$).

O efeito do tempo de leitura no texto com palavras-tabu entre universitários sugere a interferência dos estereótipos de gênero normativos de “ser homem” (o mais masculino) e de “ser mulher” (o mais feminino). Falar palavrão ou ler palavras-tabu de cunho sexual não faz parte do repertório do que se espera de “ser mulher” na sociedade ocidental/cristã. O monitoramento na leitura em voz alta, evidenciado pela maior demanda de tempo, sinaliza que mulheres demandam maior tempo ao lerem palavras-tabu porque os palavrões são retidos na memória, possivelmente, por terem maior capacidade de influenciar o mecanismo de atenção pelo fato da construção social e a representação mental instaurada pela sociedade ao considerar o padrão de comportamento linguístico esperado pela mulher.

Este efeito é evidenciado pelos comentários identificados durante a leitura do texto-alvo. Cinco participantes, três mulheres e dois homens, durante e após a leitura do texto-alvo, expressaram metacomentários acerca do conteúdo.

O participante Hugo (nome fictício, assim como os demais), ao finalizar a leitura do texto-alvo, disse “Pesado, mas ok!”. Do mesmo modo, a participante Luana, ao finalizar a leitura, disse: “Nossa, que texto esdrúxulo!”.

Durante a leitura, duas participantes enunciaram comentários de monitoramento da compreensão da leitura. A participante Vivian, durante a leitura do texto-alvo, apresentou mudança no *pitch* (0,02ms) ao enunciar palavra-alvo “puta”. A sensação de *pitch* (altura da voz) é controlada pelo parâmetro físico de intensidade. A mudança de *pitch* é sinal de maior monitoramento, assim como expressa emoções. (Iriya, 2014).

A participante Jaqueline, após ler o trecho em que ocorre a palavra-alvo “puta”, disse: “Eita meu pai!” e realizou uma pausa longa (0,7ms). A pausa foi medida em relação à tomada/retomada da leitura do texto; esse tipo de pausa é

marcada por uma duração maior, porque “está relacionada ao processamento, sinalizando um planejamento on-line para retomar o discurso” (Freitag, Pinheiro, & Silva, 2017, p. 122). Assim, a pausa torna-se uma pista indireta para indicar a ativação da representação mental do estereótipo clássico de gênero feminino, representando que palavrão não pode ser dito/pronunciado por mulheres. Inclusive, em seguida, a participante expressou seu interesse em desistir da tarefa: “Eu não vou terminar de ler isso, não. Sério! Eu não vou terminar de ler isso.” Após a entrevistadora informar que a qualquer momento ela poderia deixar de participar da pesquisa, a participante decidiu continuar a leitura.

Os comentários de monitoramento da compreensão da leitura sinalizam explicitamente o efeito do tabu sexual ativado pelas palavras-tabu, trazendo à tona os contextos históricos e sociais tolhidos, indicando detrimento da submissão e subjugação da fala feminina em relação à masculina. O participante homem (Hugo) expressa avaliação quanto ao teor, evidenciado pelo termo “pesado” em seu comentário. Entretanto, logo após, modaliza com a expressão “mas ok”, revelando uma estratégia argumentativa para minimizar os efeitos de tabu.

A redução do *pitch* da voz, o espanto e a recusa das mulheres indicam que para elas a não proibição do palavrão é mais marcada. O uso do palavrão é um termo que não é aceito pela convenção social para a figura da mulher e a sua utilização em público é socialmente sancionável. Mas, para os homens, essa sanção é permitida (Orsi, 2011, 2013; Orsi & Zavaglia, 2012). Em consequência da permissão ou não, identificam-se diferenças na fala entre homens e mulheres. As identificações do feminino e do masculino “[...] pertencem a subculturas distintas: mulheres têm uma voz diferente, uma psicologia diferente e uma experiência de amor, família e trabalho diferente da dos homens.” (Freitag, 2015, p. 35), ocasionando particularidades e características linguísticas próprias para cada gênero social, e não à luz do sistema opressor em que estão inseridas.

6. CONCLUSÃO

A diferença do tempo de leitura entre textos com palavras-tabu e sem palavras-tabu é resultado do monitoramento da leitura e ocorre na leitura de mulheres e na presença de mulheres. Este comportamento revela o efeito das palavras-tabu e o padrão de comportamento esperado pela sociedade em relação ao gênero feminino (as mulheres) no que concerne aos conteúdos sexuais: espera-se que o papel e a função sexual da mulher no ato sexual sejam reprimidos em favor dos bons costumes e da moral, reverberando inclusive nas relações sociais entre os falantes em uma situação de interação social desconhecida (existem palavras que

não podem ser ditas por mulheres, só por homens). No estudo, tal constatação é reforçada por meio do comportamento corporal e metalinguístico de algumas participantes no momento do teste: além dos comentários e da mudança no *pitch* da voz, muitas baixavam a cabeça, arqueavam os ombros, demonstrando o desconforto com o conteúdo da leitura.

A insegurança linguística por parte das mulheres é fruto da dominância masculina de status “mais privilegiado” em relação à identidade feminina com status “menos privilegiado”; nas representações mentais, a superioridade do homem em relação à inferioridade da mulher. A insegurança na leitura do texto com palavras-tabu é mais frequente pelas participantes mulheres, o que é fruto do contexto histórico de subordinação do comportamento feminino em relação ao comportamento masculino (Coulthard, 1991; Coutinho & Menandro, 2015; Domingues, Gomes, & Oliveira, 2016).

O estudo também evidencia a importância da observação de pistas indiretas em situações de controle, como em tarefas de leitura de palavras-tabu sexual, contribuindo com o desenvolvimento de estratégias de estudo para o desvelamento do preconceito.